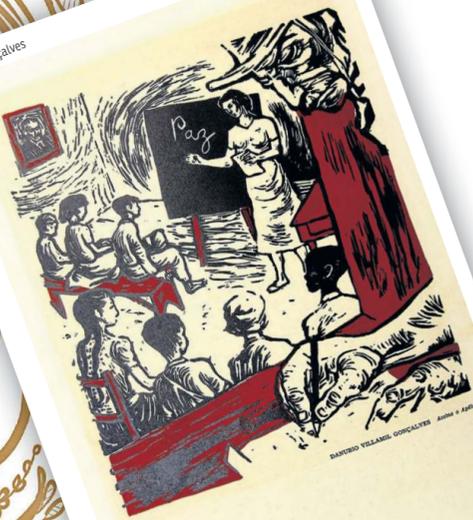


Diversão & Arte

Pioneiros e democráticos

EXPOSIÇÃO NA CAIXA CULTURAL REÚNE OBRAS DE **GLAUCO RODRIGUES, DANÚBIO GONÇALVES, GLÊNIO BIANCHETTI** E **CARLOS SCLiar**, FUNDADORES DE UM DOS PRIMEIROS CLUBES DE GRAVURA DO BRASIL

Danúbio Gonçalves



Obra de Danúbio Gonçalves

» NAHIMA MACIEL

Quando se juntaram para criar o Clube de Gravura de Porto Alegre, em meados dos anos 1940, Glauco Rodrigues, Danúbio Gonçalves, Glênio Bianchetti e Carlos Scliar eram jovens artistas idealistas que acreditavam no poder de transformação da arte e em sua vocação democrática. Foi um momento icônico da arte brasileira que agora é resgatado na exposição Os Quatro – Grupo de Bagé, em cartaz na Caixa Cultural e organizada pela Fundação Iberê Camargo, de Porto Alegre.

Com curadoria de Carolina Grippa e Caroline Hädrich, que fizeram uma pesquisa extensa sobre o grupo, a exposição reúne mais de 180 obras produzidas durante o período do clube, mas também mais tarde, quando os artistas embarcaram em carreiras que colocaram seus nomes entre os mais importantes da produção nacional. “Eles se uniram muito no início de carreira, cada um com suas diferenças, e depois cada um seguiu caminho com uma produção individual que a gente também explora na exposição”, avisa Grippa.

Os clubes de gravura fazem parte da história da arte brasileira. Muitos artistas se juntaram em coletivos para experimentar, explorar e produzir obras confeccionadas com as mais variadas técnicas e temáticas. O clube de Porto Alegre ficou conhecido, principalmente, porque todos os

integrantes acabaram se tornando nomes relevantes no panorama artístico do país. “O Clube de Porto Alegre é um marco nacional porque foi criado pensando na popularização da gravura e isso acabou estimulando outros grupos pelo Brasil”, conta Grippa. A inspiração veio de um movimento mexicano chamado Taller de Gráfica Popular, criado por artistas no fim da década de 1930 para incentivar a divulgação de artistas regionais.

O escritor Pedro Wayne, autor do romance realista Xarqueada, foi a figura responsável por unir os quatro artistas. Muito ligado nas temáticas do trabalho rural e da justiça social, Wayne conheceu primeiro Carlos Scliar, Glauco Rodrigues e Glênio Bianchetti que, nos anos 1960, trocariam o Rio Grande do Sul pelo Planalto Central para ajudar a implantar o curso de arte da Universidade de Brasília (UnB). Adolescentes, eles partilhavam

de muitas das ideias do escritor, cujo romance conta a história das condições precárias e degradantes, além da realidade social, dos trabalhadores das charqueadas do sul do país. O artista carioca José Moraes também participaria do grupo por um ano.

Além de apresentar as primeiras gravuras produzidas pelo clube, a exposição dedica espaço à trajetória posterior dos artistas. Muito amigos, Scliar e Rodrigues se mudariam para o Rio de Janeiro, onde participaram da criação da revista Senhor. Ativista engajado em movimentos sociais, Scliar levava para as capas da publicação, a maioria feita por Rodrigues, a mesma ideia de tornar a arte acessível que movia a produção do clube. “É uma ideologia deles, uma coisa quase antimerced, de acreditar que a arte não devia ser nichada para pessoas que tinham dinheiro”, explica Hädrich. “Scliar sempre trabalhou assim, as gravuras

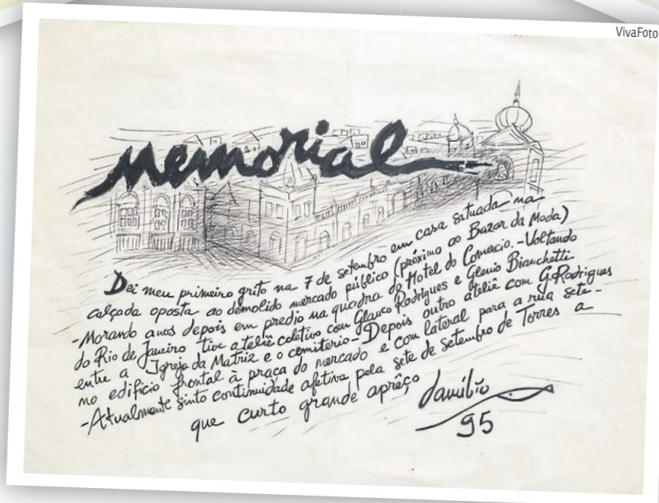
que ele produzia tinham tiragem grande exatamente para isso. O valor da arte era mais de compartilhamento de ideias do que monetário.”

Rodrigues era também um grande pintor e são dele as aquarelas realizadas para ilustrar a abertura da minissérie *O tempo e o vento*, a adaptação do romance de Érico Veríssimo exibida pela Globo em 1985. As obras integram a exposição, que tem as galerias Piccola 1 e 2 dedicadas às obras individuais dos artistas. A exposição também traz o documentário *Glauco do Brasil*, de Zé Cabrito, que faz parte de uma série dedicada ao grupo de Bagé. A experiência da revista Horizontes, fundada pelos artistas como espaço de experimentação, também está presente na mostra.

Com estéticas próprias, os quatro artistas produziram e exploraram praticamente todas as técnicas da gravura, especialmente a xilo, que exigia desenhos

mais gráficos e uma composição mais simplificada. “A temática social era algo que os ligava, eles eram muito influenciados pela questão do comunismo”, conta Grippa. “Scliar participou da Segunda Guerra, Wayne tinha esse olhar crítico e Bagé é interior, então tem essa questão social muito forte. Uma das séries mais importantes do Danúbio é baseada no livro Xarqueada.”

Parte dessas temáticas ainda permaneceriam na obra de Glênio Bianchetti, que produziu uma enorme quantidade de pinturas em Brasília. Expressionista, gostava de explorar temas, como naturezas mortas, o mundo do trabalho, paisagens e o universo da cultura popular tradicional. Nascido em Bagé (RS), em 1928, o artista chegou a Brasília em 1962. A convite de Darcy Ribeiro, veio para ajudar a fundar a UnB, onde deu aulas durante mais de quatro décadas. Glênio Bianchetti morreu em fevereiro de 2014 e boa parte de sua obra está espalhada por coleções particulares.



Gravura de Danúbio Gonçalves

OS QUATRO – GRUPO DE BAGÉ

Abertura hoje, às 19h, na Caixa Cultural Brasília (SBS Quadra 4 Lotes 3 e 4, Asa Sul). Visitação até 29 de junho, de terça a domingo, das 9h às 21h. Classificação indicativa livre

Carlos Stein_VivaFoto



Gravura de Carlos Scliar

Glênio Bianchetti



Gravura de Glênio Bianchetti